Revista eletrônica HISTÓRIA EM REFLEXÃO

PPGH - Programa de Pós-Graduação em História
UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados

ISSN: 1981-2434
Dourados - MS - Brasil

A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA HISTÓRIA MEDIEVAL

O caso de Compiuta Donzella di Firenze (século XIII)

THE FEMALE REPRESENTATION IN MEDIEVAL HISTORY

The case of Compiuta Donzella di Firenze (13th century)

ISABELLA FERREIRA PASSOS[1]

LUCIANO JOSÉ VIANNA[2]

RESUMO

Este artigo apresenta uma reflexão sobre o cenário feminino em relação ao contexto medieval, a partir da análise de autores e autoras que se dedicaram a refletir sobre a personagem conhecida como Compiuta Donzella. Para tanto, adota como procedimento metodológico a análise bibliográfica. Desse modo, inicialmente problematiza a representação das mulheres no século XIII, a partir de um cenário de escrita da História no Medievo, enfatizando a presença feminina na escrita da História. Em seguida, são abordados os principais autores e autoras que trabalharam em suas pesquisas sobre Compiuta Donzella destacando a sua existência e protagonismo na escrita feminina, o conteúdo dos seus escritos e as produções brasileiras relacionadas ao tema. Como resultados, a partir da discussão bibliográfica realizada, entende-se que as reflexões sobre a figura de Compiuta contribuem para a ampliação da compreensão a respeito da representação feminina medieval. Como considerações finais ressalta-se a importância dos escritos das mulheres para ampliar os estudos sobre uma História Medieval voltada para as figuras femininas e para desconstruir a ideia generalizada de um Medievo masculino.

Palavras-chave: Compiuta Donzella. Literatura Medieval italiana. Representação feminina. História Medieval. Trovadora.

ABSTRACT

This article presents a reflection on the female condition within the medieval context, based on the analysis of authors who have examined the figure known as Compiuta Donzella. To this end, it adopts bibliographical analysis as its methodological

[1] Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Licenciada em História pela Universidade de Pernambuco (UPE/Petrolina). E-mail: isabellapassos28@gmail.com

[2] Doutor em Cultures en contacte a la Mediterrània pela Universitat Autònoma de Barcelona (UAB), Livre Docente, Professor Associado de História Medieval do Colegiado de História e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores e Práticas Interdisciplinares (PPGFPPI) da Universidade de Pernambuco (UPE/Petrolina). E-mail: luciano.vianna@upe.br

approach. Thus, it initially problematizes the representation of women in the thirteenth century through the lens of medieval historiography, emphasizing the female presence in historical writing. Subsequently, it addresses the primary scholars who have investigated Compiuta Donzella in their research, highlighting her existence and agency in women's writing, the content of her works, and the Brazilian scholarship related to the theme. As for the results, the bibliographical discussion indicates that reflections on the figure of Compiuta contribute to broadening the understanding of medieval female representation. Finally, the concluding remarks underscore the importance of women's writings in expanding studies on a Medieval History centered on female figures, as well as in deconstructing the generalized notion of a male-dominated Middle Ages.

Keywords: Compiuta Donzella. Italian Medieval Literature. Female representation. Medieval History. Woman troubadour.

INTRODUÇÃO

Em Florença do século XIII florescia o chamado movimento comunal (Miatello, 2021, p. 220), o qual objetivava neutralizar o poder aristocrático através da mudança no sistema governamental. O governo, até então comandado por bispos e condes, passou a ser comandado por um coletivo de cidadãos. O intuito era garantir autonomia política e econômica para cidade ao mesmo tempo que destinava maior liberdade para a defesa dos interesses particulares da população. Com esse movimento, Florença tornou-se uma das cidades mais importantes na região toscana no referido período (Barros, 2002). Ao mesmo tempo, outro cenário que ascendia e se consolidava neste período era o da literatura italiana, especialmente em razão da criação da Scuola Siciliana, um movimento literário que adotou a língua coloquial falada nas produções literárias (Asor Rosa, 2009).

Todavia, tais florescimentos nos meios políticos, econômicos e literários não se estenderam a todas as esferas sociais, uma vez que deixaram de lado a participação feminina, por exemplo. No cenário político social urbano as mulheres permaneceram excluídas, o que provocou também uma reclusão delas aos lares e conventos. No meio literário houve um aumento das obras com características No meio literário houve um aumento das obras com características misóginas, tendo em vista que o domínio da escrita pertencia principalmente aos homens (Deplagne, 2019a). Havia um protagonismo feminino

nas poesias líricas, mas as mulheres apareciam, em sua maioria, enquanto objeto de inspiração para as produções masculinas do período e não enquanto autoras (Cherobin; Guerini, 2022). Quando havia a mínima indicação de uma autoria feminina, a existência dela passava a ser questionada, negada, marginalizada, silenciada e apagada da história (Cerrato, 2013).

Foi o que aconteceu com uma figura chamada Compiuta Donzella di Firenze, a qual tem a autoria de três sonetos presentes no Cancioneiro Vaticano Latino de código 3793 (VAT LAT 3793)[3]. Entre as mais de 1200 poesias compiladas neste cancioneiro, os três sonetos (A la stagion che 'l mondo foglia e fiora, Lasciar vor[r]ia lo mondo e Dio servire e Ornato di gran pregio e di valenza) são indicados como sendo de autoria feminina, mais especificamente, de Compiuta Donzella. Esta, por sua vez, já chegou a ser considerada a primeira mulher a qual foram atribuídos textos da literatura na língua italiana vernacular. Mesmo assim, devido a falta de informações biográficas a seu respeito, sua vida segue rodeada por indefinições, sendo as únicas informações mais assertivas a cidade em que provavelmente viveu (Florença) e o período (século XIII).

Em razão do contexto acima citado, no qual a própria Compiuta estava inserida, muito se discutiu a respeito da sua existência e da autoria dos três sonetos, o que não apaga o fato de que os sonetos a ela atribuídos se enquadram na categoria de obras medievais de autoria feminina. Entretanto, assim como ocorreu com outras produções de autoria feminina, os sonetos de Compiuta Donzella permaneceram, durante longo período, à margem da historiografia tradicional.

Essa marginalização não pode ser explicada apenas pela suposta escassez de fontes sobre a experiência das mulheres, mas também deve ser compreendida a partir dos próprios pressupostos teóricos e metodológicos que orientaram a produção do conhecimento histórico. A predominância de fontes de caráter religioso e literário nos estudos medievais, muitas delas produzidas por homens, relaciona-se tanto às formas de preservação e transmissão dos registros quanto às perspectivas historiográficas que, durante muito tempo,

[3] Disponível em: https://digi.vatlib.it/view/MSS_Vat.lat.3793. O VAT LAT 3793 é o código utilizado pela Biblioteca do Vaticano para referir-se ao Cancioneiro Vaticano Latino. Esta terminação também será utilizada para referir-se ao Cancioneiro no restante deste artigo.

privilegiaram determinados sujeitos, acontecimentos e espaços de experiência. A renovação historiográfica, promovida entre outros movimentos pela Escola dos Annales, ao ampliar a concepção de fonte e os objetos de investigação histórica, contribuiu para a revisão dessas abordagens e possibilitou novas formas de interrogar a experiência feminina no passado. Nesse sentido, a limitada visibilidade das mulheres na historiografia deve ser analisada em diálogo com o imaginário social do período medieval, marcado por representações e relações de gênero que conferiam maior centralidade e autoridade aos homens. Assim, mais do que atribuir essa invisibilidade exclusivamente à ausência de fontes, torna-se necessário compreender como as representações e os modos de produção, preservação, seleção e interpretação dos vestígios do passado contribuíram para a construção de determinadas narrativas sobre a experiência feminina (Klapisch-Zuber, 1992; Lunz, 2018).

Desse modo, os estudos sobre a participação feminina no medievo foram, por muitos anos, atravessados por esse filtro masculino, o que corroborou para a consolidação da concepção de uma “idade dos homens”, termo difundido pelo medievalista Georges Duby e que ganhou espaço nas várias formas de representação deste período histórico:

> Essa Idade Média é resolutamente masculina. Pois todos os relatos que chegam até mim e me informam vêm dos homens, convencidos da superioridade do seu sexo. Só as vozes deles chegam até mim. No entanto, eu os ouço falar antes de tudo de seu desejo e, consequentemente, das mulheres. Eles têm medo delas e, para se tranquilizarem, eles as desprezam (Duby, 1989, p. 7).

Tal concepção de um medievo masculino começou a ser descontruído graças aos avanços dos estudos de gênero, da crítica feminista e da História das Mulheres que começaram o movimento de resgatar as obras medievais de autoria feminina. Tais avanços possibilitaram o desenvolvimento deste artigo que busca ampliar os estudos sobre uma História Medieval voltada para as figuras femininas, através do estudo desta personagem. Para tanto, adotamos como procedimentos metodológicos a leitura e análise bibliográfica (Freitas; Prodanov, 2013), a partir da qual reunimos as referências que discutem sobre Compiuta Donzella inserindo-a na discussão historiográfica sobre as mulheres medievais.

1. A REPRESENTAÇÃO DAS MULHERES MEDIEVAIS NO SÉCULO XIII

Os questionamentos sobre a representação e participação das mulheres no medievo – e na história – começaram a ser levantados a partir do surgimento do campo de estudo da história das mulheres na década de 70 do século passado. A emergência deste campo acompanhou as lutas feministas em busca de melhores condições profissionais e englobou a expansão dos limites da história como um todo (Scoot, 1992):

> O acúmulo de monografias e artigos, o surgimento de controvérsias internas e o avanço de diálogos interpretativos, e ainda, a emergência de autoridades intelectuais reconhecidas foram os indicadores familiares de um novo campo de estudo, legitimado em parte, ao que parecia, por sua grande distância da luta política (Scott, 1992, p. 64).

De acordo com Aurell e Burke (2013, p. 287-240), a associação do desenvolvimento do campo da história das mulheres com o auge do movimento feminista é identificada nos diagnósticos sobre o desenvolvimento historiográfico. Ademais, as pesquisas voltadas para a história das mulheres ganharam destaque com o desenvolvimento da Nova História Cultural (1970) que possibilitou que a mulher não mais se encontrasse:

> [...] vinculada a uma visão única e inquestionável dentro do lócus social, tendo conquistado o direito de exercício de um papel valorativo que foram essenciais no processo em que as mulheres foram alçadas à condição de objeto e sujeito da História, possibilitando a emergência de uma História das Mulheres (Lunz, 2018, p. 51-52).

Por conseguinte, a emergência do campo da História das Mulheres e sua inserção nos meios acadêmicos trouxe consigo o debate em torno do conceito de gênero que, por sua vez, trouxe para a história não apenas um novo modo de se fazer a história das mulheres, mas também acrescentou novas possibilidades à sua escrita (Lunz, 2018). Para entender este conceito é preciso ter em mente que nascer mulher ou homem não é, em qualquer sociedade, um dado biológico neutro ou uma qualificação “natural” inerte (Klapisch-Zuber, 1992). O que convencionalmente chamamos de gênero é, na verdade, um produto de uma reelaboração cultural, onde a sociedade é responsável por definir, (des)considerar, representar e controlar os sexos biologicamente qualificados,

atribuindo-lhes funções determinadas (Klapisch-Zuber, 1992, p. 11).

Nesse sentido, os papeis atribuídos às mulheres são impostos por um sistema ideológico e não em função de suas habilidades e qualidades inatas. Assim sendo, estudar as representações das mulheres no medievo, ou em qualquer outro período histórico, implica em entender a inserção das mulheres nas sociedades, nos sistemas ideológicos, nos quais elas viveram, analisando as relações sociais e o contexto do referido tempo histórico (Klapisch-Zuber, 1992). Ademais, permite construir uma concepção de proximidade com as práticas dominação e de poder do período medieval (Silva; Medeiros, 2014).

No caso do medievo, estamos diante de uma sociedade que foi claramente patriarcal (Nascimento, 1997). Logo, o que inicialmente caracteriza “a mulher” neste período é “o olhar que sobre ela põem os homens” (Klapisch-Zuber, 1992, p. 16), ou seja, antes de entender o que as mulheres pensam de si mesmas e de suas relações com os homens, se faz necessário entender e passar por este filtro masculino que impõe e transmite modelos e regras de comportamento (Klapisch-Zuber, 1992).

Klapisch-Zuber (1992, p. 16) afirma que no medievo cristão, os homens de religião e de Igreja tinham a palavra. Esses homens governaram o escrito e transmitiram para seu tempo e para além dele o que se devia pensar e entender das mulheres. A diferença entre os sexos estava no centro da reflexão antropológica e as interpretações dos textos bíblicos daqueles que foram nomeados de “Pais da Igreja” foram difundidas repetidamente ao longo dos anos.

No século V, Santo Agostinho (354-430) considerava que a origem da desigualdade fundamental entre os sexos masculino e feminino estava na diferença dos momentos da criação dos corpos. Na sua visão houve dois momentos da criação do homem, onde em um primeiro momento Deus teria criado o “homem interior” (alma racional que contempla toda a natureza humana, sem sexo, portadora da imagem de Deus) e depois o “homem exterior” (individuo sexuado, macho ou fêmea). A partir do momento que associou a parte superior do ser humano – a alma racional – ao masculino, e a parte inferior – os sentidos, o corpo – ao feminino, Agostinho lançou as bases teóricas da dualidade fundamental da mulher, da subordinação feminina e da divisão dos papeis (Klapisch-Zuber, 2002, p. 141).

.

Oito séculos mais tarde, São Tomás de Aquino (1225-1274) se afastou das interpretações da tradição patrística de Agostinho em alguns pontos que envolvem a divisão dos sexos. O principal ponto de divergência é em relação à teoria agostiniana dos dois níveis de criação. Seguindo uma visão mais aristotélica, São Tomás de Aquino considerava que havia um único momento de criação, adotando alma como forma substancial do corpo e entendendo que tanto o homem quanto a mulher foram criados à imagem de Deus. O que diferencia os sexos na visão de Tomás é que o homem "está dotado de capacidades racionais mais vigorosas do que a mulher" (Klapisch-Zuber, 2002, p. 143) e que a finalidade da existência da mulher enquanto indivíduo sexuado reside na função auxiliar de procriação. São Tomás de Aquino também se apoiou nos conhecimentos científicos de seu tempo e retomou a doutrina aristotélica que afirmava a imperfeição do corpo da mulher, considerando-a como um macho imperfeito. As inflexões trazidas por Tomás, trouxeram uma certa armadura científica para a diferenciação entre os sexos. A partir disso, o pensamento tomista buscava justificar a subordinação feminina (Klapisch-Zuber, 2002, p. 143).

São Tomás de Aquino foi, segundo Maria Filomena Dias Nascimento, muito importante na construção do que ela nomeia como "discurso misógino do século XIII" (1997, p. 85). Entretanto, Nascimento argumenta que mesmo antes do século XIII a Igreja já estava intrinsecamente afetada pelo discurso negativo em relação à primeira mulher da humanidade, ou seja, Eva. Considerada um ser pecador, incapaz de resistir à tentação e responsável pela perda do Paraíso, Eva era vista como a parte vulnerável do homem, necessitando, portanto, da tutela masculina. Na visão dos homens da Igreja, Eva por ser a primeira mulher projetou "sua carga de pecadora sobre a existência feminina" (Nascimento, 1997, p. 86), assim reforçando os argumentos da inferioridade feminina. Essas ideias, somadas às teorias de filósofos e teólogos como Agostinho e São Tomás de Aquino, tiveram ampla difusão no período medieval, tendo como principais disseminadores os demais homens religiosos e a Igreja (Nascimento, 1997).

Um ponto interessante para se ter em mente é que esses homens religiosos eram celibatários e viviam à distância das mulheres, logo, a representação que estes tinham das mulheres era baseada nas suas

convicções, nos seus interesses e nos seus valores. Partindo disso, é possível perceber que a literatura medieval religiosa, de acordo com o interesse daqueles que a produziram, foi construindo e alimentando um inventário de características, defeitos e problemas relacionados às mulheres, reduzindo-as aos seus corpos, colocando-as em posições secundárias e negando-lhes a capacidade de agir na história. Como aponta Klapisch-Zuber (2002), mesmo com a glorificação da Virgem Maria a partir do século XII – que passa a sublinhar a redenção da mulher pecadora por Maria, sendo esta a "Nova Eva" (Le Goff, 2005, p. 285) –, e com a romantização e idealização da mulher pela literatura do amor cortês, a "desistorização" da mulher não é questionada no período.

Considerando o conceito de representação, Chartier expõe que:

> As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (Chartier, 1990, p. 17).

Portanto, levando em consideração que as representações são construções sociais determinadas pelos interesses do grupo que as forjam, como indica Chartier, é possível compreender que os teóricos antigos e medievais tiveram um papel fundamental na disseminação do discurso dominante sobre as mulheres medievais, pautados nos ideais de inferioridade e submissão (Klapisch-Zuber, 1992; Nascimento, 1997). Esses homens, buscando impor suas concepções e seus valores, criaram e difundiram uma representação sobre as mulheres medievais.

Todavia, as mulheres do Medievo também deixaram escritos e ecos que ajudam a entender a representação que elas tinham de si mesmas. Portanto, é necessário considerar os interesses dos grupos femininos que registraram informações sobre si mesmas e que hoje temos acesso, descobrindo, assim, um outro mundo, não determinado pelos filtros masculinos. Considerando as fontes que foram escritas por mulheres, é importante destacar que tais documentos registram intencionalidades de um grupo específico e que tinha uma posição social durante o período Medieval. Nesse sentido, escritos como os de Compiuta e os textos das diversas trobairitz se mostram essenciais para entender como

essas mulheres se representavam.

2. COMPIUTA DONZELLA NOS DEBATES LITERÁRIOS: NOME, PSEUDÔNIMO OU "SENHAL"?

A figura de Compiuta Donzella foi alvo de debates e disputas em torno de sua identidade e existência (Cherobin; Guerini, 2022). A falta de informações biográficas sobre esta personagem favoreceu um cenário de especulações e levantou discussões a respeito dos significados de seu nome. Estudiosos como Price (1988), Cherci (1989), Steinberg (2006), Cerrato (2014), Bowe (2018) e Alfie (2019) trazem suas contribuições a respeito da enigmática figura de Compiuta Donzella e se mostram imprescindíveis para compreendermos a voz que dá vida aos sonetos presentes no VAT LAT 3793.

De acordo com as análises de Cherchi (1989) e Steinberg (2006), os debates filológicos sobre Compiuta na história da literatura italiana tiveram início no século XIX e giraram em torno daquele que parecia – e ainda parece – ser o principal problema em torno da figura de Compiuta Donzella: o significado do seu nome. Ao que tudo indica, o fato de ela ser mulher e de compor poesias com temas não tão usuais para a época em que vivia foi o suficiente para atrair a atenção de historiadores e críticos literários, que, inicialmente, a consideraram um "milagre", uma mulher abençoada com habilidade poética que encontrou um meio de se expressar na sociedade (Cherchi, 1989). Ela era considerada um "milagre" pois os seus sonetos são os únicos do VAT LAT 3793 que são ao mesmo tempo atribuídos a uma mulher e escritos na perspectiva de um "eu" feminino. Os outros textos do VAT LAT 3793 escritos em vozes femininas ou em diálogo com interlocutoras femininas inventadas são atribuídos a autores masculinos (Bowe, 2018, p. 4).

Segundo Price (1988), um dos críticos literários do século XIX responsáveis por tornar os sonetos de Compiuta parte do patrimônio literário italiano foi Francesco De Sanctis. Este crítico teceu elogios à simplicidade da linguagem e do ritmo dos sonetos de Compiuta. Entretanto, Prince (1988) alerta para a ambiguidade deste elogio, visto que os críticos literários do século XIX consideravam essas qualidades como atributos da obra literária feminina. Logo,

ao destacar a simplicidade dos sonetos de Compiuta, De Sanctis poderia estar sugerindo de forma implícita que lhes faltavam “a complexidade e a firmeza que ele e a maioria dos críticos homens consideravam características essenciais de obras literárias superiores e características dos textos masculinos” (Price, 1988, p. 3).

Outro ponto interessante da crítica de De Sanctis, é que este considerava que “a própria feminilidade dos textos de Compiuta constitui prova da existência da poetisa” (Steinberg, 2006, p. 4). Todavia, não demorou para que outros críticos literários do século XIX, como Adolfo Borgognoni, promovessem o debate sobre a existência histórica de Compiuta Donzella. De acordo com Cherchi (1989), Borgognoni defendia que o nome Compiuta Donzella seria na verdade um senhal, ou seja, um nome fictício para esconder a verdadeira autoria do soneto. Segundo Cerrato (2014) o senhal *Compiuta Donzella* pode ser interpretado como uma donzela em perfeita virtude, visto que o adjetivo compiuta no Tesoro della lingua italiana delle origini pode se referir a algo “realizado”, “completo” ou ainda “dotado de todas as virtudes” e a palavra donzella pode referir-se a “uma mulher jovem/virgem”. Desse modo, para Borgognoni, a Compiuta Donzella enquanto mulher poetisa nunca existiu, tendo em vista que, segundo os argumentos de Cherchi (1989), Borgognoni estava convencido que os sonetos atribuídos à figura de Compiuta foram, na verdade, escritos por um homem que adotou de forma intencional uma voz feminina e que assumiu o senhal Compiuta Donzella para esconder sua identidade. Segundo Steinberg (2006), essa hipótese de Borgognoni se baseia numa percepção da Itália medieval como uma terra de mulheres silenciosas, se comparada com os cenários francês e provençal do mesmo período. Nesse sentido, a figura de Compiuta Donzella aparece como uma figura dissidente, singular e excepcional no contexto de Florença do século XIII.

Nota-se, pois, que os primeiros estudos à respeito da figura de Compiuta Donzella eram divididos, principalmente, em dois campos: um formado por aqueles que defendiam sua identidade como mulher, baseados em “julgamentos retóricos e estéticos duvidosamente essencialistas” (Bowe, 2018, p. 5); e o outro composto por aqueles que negavam essa identidade, apoiando-se nos frágeis argumentos sobre a escassez de poetas mulheres no período (Bowe, 2018).

.

3. OS POETAS DO VAT LAT 3793 INTERESSADOS NOS ESCRITOS FEMININOS

Por ser considerado um fenômeno singular, a figura de Compiuta Donzella além de despertar o interesse desses dois campos formados por críticos literários e historiadores da literatura italiana no século XIX, também despertou o interesse dos poetas do VAT LAT 3793, contemporâneos à época de Compiuta. Todos queriam conhecer e vivenciar “o fenômeno singular de uma mulher que escreve poesia” (Steinberg, 2006, p. 7). Com base nos estudos de Cherchi (1989), Steinberg (2006) e Cerrato (2014), é possível listar alguns textos do século XIII que são dirigidos ou que fazem alusão à figura de Compiuta Donzella. São eles: o epistolário de Guittone d’Arezzo, três sonetos atribuídos à Maestro Rinuccino, dois sonetos atribuídos a Chiaro Davanzati ou Monte Andrea que estão localizados no mesmo fólio que o terceiro soneto atribuído a Compiuta, dois sonetos atribuídos a Maestro Torrigiano e um desenho de uma figura feminina no “Documento d’amore” de Francesco da Barberino.

De acordo com Steinberg (2006), apesar de haver uma coerência linguística e temática entre esses textos, a ambiguidade em torno do nome Compiuta Donzella impôs desafios para identificar se tais textos se referiam a uma única autora ou somente a um personagem feminino. Steinberg (2006, p. 3) afirma que Compiuta era um nome comum no século XIII e partindo desta afirmação, Cerrato (2014) traz uma hipótese que até então não havia sido considerada: a de que *Donzella* seria o sobrenome da poetisa. Segundo Cerrato (2014), esse era um sobrenome já existente durante a Idade Média e que existe até hoje na Toscana. Assim, Cerrato defende que “os jogos linguísticos e as assonâncias que os poetas da época construíram com as palavras ‘Compiuta’ e ‘Donzella’ poderiam ter origem em um nome e sobrenome reais que, com o passar do tempo, foram transformados e depois percebidos como um senhal” (2014, p. 109, grifo do autor).

Steinberg (2006, p. 2), Cerrato (2014, p.110) e Alfie (2019, p. 15) apontam que no epistolário de Guittone D’Arezzo há uma carta em prosa dedicada a uma “Donna Compiuta” e que faz referência ao tema religioso dos sonetos de

.

Compiuta Donzella, uma vez que a incentiva a servir a Deus. Todavia, Steinberg (2006, p. 2) destaca que não há nenhuma referência à Compiuta enquanto poetisa. Alfie (2019, p. 15), por sua vez, expõe que na carta de Guittone há vários trocadilhos com o nome Compiuta, tais como “compiuto savere”, “compiuta fede” e “compiuta laude”. Já Cerrato (2014, p. 110) chama atenção para o fato de a palavra “donzella” não ser mencionada em nenhum momento na carta de Guittone e destaca o uso frequente da palavra “donna”, enfatizando que tal palavra pode assumir vários significados no século XIII a depender do contexto de uso. Ainda na perspectiva de Cerrato (2014, p. 110-111), o tom elogioso e a exaltação das qualidades da mulher angelical e milagrosa na carta de Guittone, pressupõe que o uso do termo “donna” se aproxima mais do significado de pessoa de altas qualidades morais e intelectuais do que do sinônimo de esposa.

Outro ponto interessante perceptível na carta de Guittone, e apontado por Cerrato (2014), é que Guittone deixa claro que se sente privilegiado por ser contemporâneo de Compiuta e destaca que ela deveria ser um modelo a ser seguido. A partir disso, Cerrato (2014, p.110-111) argumenta que Compiuta e seus sonetos devem ter sido uma figura conhecida nos círculos literários toscanos.

Outras composições que também parecem estar associadas aos sonetos de Compiuta, segundo Steinberg (2006, p. 2) e Cerrato (2014, p. 111), são *Gentile donzela, di pregio nomata*, *Gentile e sagia donzela amorosa* e *Donzella gaia e sagia canoscente*. Segundo Cerrato (2014, p. 111), estudos recentes atribuem essas composições ao Maestro Rinuccino, um médico e poeta bastante conhecido em Florença do século XIII. O que une essas composições é o uso da palavra “donzella”, considerando que na maioria dos outros textos da época o mais comum era o uso da palavra “donna”. Steinberg (2006) e Cerrato (2014) apontam que assim como Guittone, o Maestro Rinuccino faz um jogo linguístico com a palavra “compiuta” além de tecer elogios a excepcionalidade, aos valores morais e à beleza angelical da poetisa. A diferença entre as composições de Guittone e Rinuccino é, segundo Steinberg (2006, p. 2), a ausência do tema religioso nas composições deste último. Mesmo que Rinuccino não nomeie diretamente quem é a destinatária dos seus versos, as conexões com a epístola de Guittone sugerem que se trata de Compiuta Donzella (Alfie, 2019).

.

Assim como na carta de Guittone e nas composições de Rinuccino, em dois sonetos atualmente atribuídos a Chiaro Davanzati – *Gentil donzela somma ed insegnata* e *Perc ogni gioia ch'è rara è graziosa* – há uma admiração e exaltação da figura de Compiuta Donzella e de suas habilidades trovadorescas de compor e cantar (Cherchi, 1989; Cerrato, 2014). Esses dois sonetos estão em *tenzone*, ou seja, em diálogo poético, com o terceiro soneto atribuído a Compiuta, *Ornato di gran pregio e di valenza* (Alfie, 2019; Bowe, 2018), todos localizados no mesmo fólio no VAT LAT 3793 (f. 170r). A admiração à Compiuta se repete também nos sonetos *Esser uma donzela di trovare dotta* e *S'uma donzela di trivar s'ingegna*, atribuídos ao Maestro Torrigiano, um médico e poeta florentino com longa estadia na França. No primeiro soneto, Torrigiano expressa sua admiração por uma "donzella" conhecida por trovar e por compor poesia (Steinberg, 2006). Segundo Cerrato (2014, p. 113), Maestro Torrigiano se mostra surpreso com a capacidade poética dessa donzela, que se iguala a dos trovadores masculinos e que compete com eles em fama. Cerrato (2014, p. 114) argumenta ainda que, assim como a carta de Guittone, os sonetos de Maestro Torrigiano são testemunhos diretos do século XIII que confirmam a popularidade e a alta consideração que Compiuta Donzella tinha na cultura de Florença daquele tempo.

O segundo soneto – *S'uma donzela di trivar s'ingegna* –, apesar de atribuído a Torrigiano, seria, de acordo com a hipótese de Cerrato (2014), uma resposta de Compiuta Donzella aos argumentos que levaram Maestro Torrigiano a ficar surpreso com a capacidade de uma mulher para trovar. Nessa resposta, Compiuta Donzella usa o argumento da suposta inferioridade feminina, usando o exemplo difundido da inferioridade de Eva, para destacar suas qualidades e reforçar seus argumentos (Cerrato, 2014).

Para finalizar, outra obra que parece manter relação com a figura de Compiuta Donzella e seus sonetos é o desenho de Francesco da Barberino no Documento d'amore. Steinberg (2006) indica que o desenho retrata uma figura feminina citada no texto como "compiuta donzella". Segundo o texto que acompanha o desenho, a figura representaria uma jovem que utiliza o jejum como meio de protestar contra a oposição da sua família ao desejo dela de seguir sua vocação religiosa. Isso reforça, segundo Cerrato (2014), a hipótese de que

.

há uma conexão entre o tema do soneto de Compiuta e a realidade social de Florença no século XIII, como exploraremos um pouco a seguir.

4. UMA VISÃO FEMININA DO MEDIEVO NO CONTEÚDO DOS ESCRITOS DE COMPIUTA DONZELLA

Para além dos debates em torno da existência e da autoria de Compiuta Donzella, os estudos sobre esta figura também envolvem análises mais detalhadas acerca do conteúdo dos seus sonetos (Domínguez Ferro, 2012; Bowe, 2018; Alfie, 2019). O primeiro soneto atribuído a Compiuta (A la stagion che 'l mondo foglia e fiora) aborda nos seus primeiros sete versos a visão idílica e clichê do mundo cortês, descrevendo uma estação primaveril e a felicidade dos amantes. A partir do oitavo verso, a narrativa muda e dá lugar ao melancolismo e ao sofrimento diante da imposição paterna de um casamento arranjado, o que mostra um claro contraste com o florescimento primaveril dos versos anteriores (Domínguez Ferro, 2012, p. 110; Bowe, 2018, p. 10). Segundo Alfie, a infelicidade de Compiuta Donzella com o casamento arranjado parece refletir a experiência vivida por muitas mulheres no mesmo período, o que evidencia que Compiuta escreve sobre as mulheres de seu tempo e expressa os medos e frustrações sobre a falta de controle na própria vida (Alfie, 2019, p. 8). Por sua vez, Bowe argumenta que nesse soneto:

> O momento adversativo da Compiuta Donzella consiste não apenas em criar um contraste convencional entre seu sofrimento e a estação alegre, mas em justapor o sofrimento de uma voz marcada pelo gênero feminino, dentro de um contexto social medieval de poder masculino, ao do amante masculino e ao modo da lírica do amor cortês (Bowe, 2018, p.11).

Bowe cita alguns exemplos que contrapõe o modo da lírica de Compiuta com a lírica do amor cortês, tais como:

> Os tormentos do amante genérico [que] resultam do amor não correspondido ou de uma resposta fisiológica avassaladora à experiência da paixão; já os tormentos da voz poética em "*A la stagion*" provém do medo de um casamento indesejado e da ausência ou negação de agência pessoal e poder social (Bowe, 2018, p. 11).

Em relação ao segundo soneto atribuído a Compiuta (*Lasciar vor[r]ia lo*

mondo e Dio servire), os estudiosos deixam claro que além de adotar o mesmo sistema métrico do *A la stagion che 'l mondo foglia e fiora* ainda há também uma conexão temática e retórica entre os sonetos, o que faz com que *Lasciar vor[r]ia lo mondo e Dio servire* seja lido como uma continuação do *A la stagion che 'l mondo foglia e fiora* (Domínguez Ferro, 2012; Bowe, 2018). Neste segundo soneto, "a jovem, diante dos desejos do pai de casá-la, manifesta seu rejeito ao sexo masculino [...]; seu desacordo em relação ao contrato matrimonial [...]; e seu desejo de servir a Cristo" (Domínguez Ferro, 2012, p. 111).

O terceiro, e último, soneto atribuído a Compiuta é nomeado Ornato di gran pregio e di valenza e faz parte de uma tenzon (diálogo poético) com outros dois sonetos (Gentil donzella somma ed insegnata e Perc'ogni gioia ch'è rara è graziosa). Alfie (2019) e Bowe (2018) sustentam que esses dois sonetos são anônimos, todavia, Cerrato (2014) atribui esses sonetos a Chiaro Davanzati. Diferente dos dois primeiros sonetos atribuídos a Compiuta, este não menciona o tópico do casamento arranjado, o que leva a suposição de que tenha sido composto antes da situação do casamento arranjado (Alfie, 2019, p. 13). Sobre a tenzon, Bowe destaca

> Nesse intercâmbio de sonetos, a Compiuta Donzella participa de uma troca aparentemente cortês, aceitando modestamente os elogios (e talvez as investidas?) de seu anônimo pretendente lírico. Vários aspectos merecem ser destacados a partir desse breve diálogo: o reconhecimento e a declarada surpresa do poeta anônimo diante da figura de uma mulher poeta; a linguagem com que o interlocutor masculino enquadra seus elogios; as conexões linguísticas entre essa troca e os outros textos da Compiuta Donzella; e as possíveis ironias da resposta da Compiuta Donzella quando lida sob a ótica de um jogo lírico cortês (Bowe, 2018, p. 23).

Nas análises dos três sonetos atribuídos a Compiuta Donzella fica evidente que ela parece conhecer intimamente a literatura de sua época, o que fica expresso, por exemplo, através do uso da forma do soneto, uma inovação poética estabelecida pela Scuola Siciliana alguns anos antes (Alfie, 2018, p. 11). Ademais, o uso de algumas técnicas e temáticas poéticas provençais pressupõe uma ligação e uma certa continuidade entre os sonetos de Compiuta com a tradição das trobairitz provençais (Domínguez Ferro, 2012; Sánchez; Durán, 2018; Alfie, 2019). Sánchez e Durán (2018) expõem que as poetas italianas

deste período devem ser entendidas à luz da tradição poética feminina das trobairitz – e também da tradição de poesias femininas de Al-Andalus –, dentro do contexto da Querelle de femmes, haja vista que os textos possuem linhas temáticas similares, uma vez que as trobairitz adotavam uma linguagem e apresentavam situações opostas às utilizadas pelos seus colegas masculinos, além de adotar um estilo mais direto e conversacional, sem idealizar as relações que escreviam (Domínguez Ferro, 2012). Assim, entende-se que:

> A crítica ao matrimônio e a rejeição da maternidade, juntamente com a apresentação da alternativa da vida monástica e da consagração a Cristo, colocam de alguma forma em relação a tradição textual das composições das trobairitz com as composições atribuídas à Compiuta Donzella, sejam ou não fruto do exercício literário de uma mulher, já que acreditamos que gravitam na órbita de um mundo cortês no qual se refletem — ainda que façam parte de um jogo artificioso e convencional — outras sensibilidades e aspirações distintas das funções que tradicionalmente se atribuíam às mulheres (Domínguez Ferro, 2012, p. 113).

Por exemplo, a temática da vida religiosa, presente mais diretamente no segundo soneto de Compiuta, permite adentrar em uma das características mais originais da espiritualidade ocidental no século XIII que é justamente o lugar ocupado pelas mulheres nesse contexto social. Ainda no século XII, figuras como a santa Hildegarda de Bingen buscavam livrar as mulheres do discurso negativo difundido pela literatura antiga e pelos homens da Igreja no medievo. Consequentemente, a partir do século XIII, o surgimento de uma espiritualidade feminina ganhou espaço, mostrando que o discurso dos “pais da Igreja” não foi o único difundido nesse período. O século XIII marca, portanto, a expressiva entrada das mulheres na vida religiosa, moldando fórmulas diversas de se fazerem presentes neste plano institucional (Vauchez, 1995, p. 149-150).

Neste viés, Opitz (1997, p. 388), ao analisar os aspectos da vida feminina na Baixa Idade Média, argumenta que no contexto do século XIII houve um aumento significativo do número de conventos e de ordens religiosas femininas, e destaca ainda que os conventos eram formas de garantir manutenção e dignidade para a vida das mulheres solteiras. O convento era ainda, segundo Frugoni (1991, p. 454-455), um lugar onde as mulheres podiam se dedicar à cultura, à oração e à meditação e, consequentemente, ao estudo formal, uma

vez que para se dedicar a tais práticas precisavam ler, escrever e estudar. Era um lugar onde a freira poderia ser autônoma e como tal ser representada, em um papel diferente do de esposa submissa (Frugoni, 1991, p. 457). Ainda segundo Opitz (1997) havia também, em alguns lugares do Ocidente medieval, projetos femininos de construção de lugares de acolhida para mulheres nobres, longe da interferência masculina, onde estas poderiam exercer um certo protagonismo dentro da sociedade medieval.

Diante disso, analisando o texto dos sonetos e o contexto no qual a figura de Compiuta Donzella estava inserida, servir a Deus e a vida religiosa poderia ser uma maneira de escapar das obrigações matrimoniais impostas ao gênero feminino e de preservar um mínimo de independência para que Compiuta pudesse continuar cultivando sua poesia (Cerrato, 2014). Percebe-se que, seja através da poesia ou da vida religiosa, o lugar ocupado pelas figuras femininas no medievo nem sempre foi de apagamento como se fazia representar a visão dos homens religiosos citados acima.

Na verdade, o que se observa a partir do resgate das vozes femininas, de suas obras escritas e de suas próprias representações, é uma ruptura com a representação da mulher medieval iletrada, silenciosa, incapaz de expressar seus anseios e desejos. Isso fica evidente em alguns versos de Compiuta: “e disso não tenho desejo nem vontade” (Cherobin; Guerini, 2022, p.61), “que nem marido, nem senhor queria” (Cherobin; Guerini, 2022, p.63), “para contar que sou instruída, / como você diz, tenho grande sabedoria” (Cherobin; Guerini, 2022, p.65). Compiuta traz uma visão feminina – um olhar que vai além do filtro masculino que geralmente revestem as fontes medievais –, que nos mostra uma mulher que reconhece sua sabedoria e se vê consciente de suas vontades.

5. COMPIUTA DONZELLA NO CENÁRIO ACADÊMICO BRASILEIRO: A AUSÊNCIA DE ESTUDOS SOBRE A SUA PERSPECTIVA HISTÓRICA

Nos últimos anos menções à figura de Compiuta Donzella começaram a surgir em publicações brasileiras, especialmente em obras que buscavam destacar a participação feminina no cenário literário medieval. Cabe destacar que essas publicações brasileiras que fazem referência ou que estudam a figura

de Compiuta Donzella, são, até o momento, estudos voltados para o contexto literário e para os estudos de tradução. Há, portanto, uma ausência de estudos no cenário acadêmico brasileiro em relação à perspectiva histórica de Compiuta Donzella. Sobre publicações na área da literatura medieval é possível citar, por exemplo, os estudos sobre a literatura de autoria feminina na Idade Média feitos por Deplagne (2010; 2012; 2019a; 2019b) com o intuíto de mostrar obras de autorias femininas para identificar a participação feminina através da escrita e das suas auto-representações.

Em relação aos estudos de tradução, a primeira versão de um soneto de Compiuta traduzido para o português foi realizada em 2018 por Karine Simoni na coletânea *Vozes de mulheres na Idade Média* (Brochado; Deplagne, 2018), que reúne reflexões em torno de uma tradição de mulheres produtoras de saberes durante todo o período medieval. A coletânea traz a participação de mulheres no teatro, nas ciências, nas experiências religiosas, na escrita e na produção lírica (onde se encaixa Compiuta). Ao realizar a tradução do soneto *A la stagion che 'l mondo foglia e fiora*, Simoni (2018, p. 202) evidencia que o intuito principal é inserir a Compiuta Donzella nos sistemas literários de língua portuguesa. De forma a melhorar a experiência dos leitores(as) de língua portuguesa do século XXI, Simoni (2018, p. 208) buscou harmonizar o conteúdo com as rimas, mantendo a limpidez e poeticidade para oferecer uma leitura fluida e ritmada do soneto. Além da tradução, o texto de Simoni também aborda, ainda que não seja seu foco, os debates históricos e literários acerca da existência de Compiuta Donzella.

Outras versões traduzidas dos sonetos foram publicadas mais recentemente por Andreia Guerini e Nicoletta Cherobin no livro *Raízes feministas em tradução: italiano* (Chiarini; Guerini; Simoni, 2022), uma coleção bilíngue que traz ao conhecimento público textos dos séculos XIII ao XIX escritos por mulheres com o intuito de dar visibilidade a esses textos na língua portuguesa do Brasil no século XXI. Diferentemente das versões traduzidas por Simoni, que buscou manter um certo ritmo dos sonetos originais, as versões de Guerini e Cherobin trazem uma tradução mais direta e menos focada em manter a poeticidade. O intuito, todavia, é o mesmo: dar visibilidade às produções de Compiuta Donzella no cenário literário brasileiro. Ademais, assim como Simoni,

.

Guerini e Cherobin também abordam os debates acerca da figura de Compiuta, relembrando a falta de informações biográficas sobre ela e as implicações disso nas afirmações sobre sua existência.

É relevante apontar que as traduções dos textos de autoria feminina desempenham um papel fundamental na construção de uma memória feminina, uma vez que permite dar mais visibilidade às vozes daquelas que foram silenciadas ou esquecidas pela história (Brochado; Deplagne, 2018; Chiarini; Guerini; Simoni, 2022). Vozes como a de Compiuta Donzella “nos dão prova da importância da palavra feminina como meio das mulheres participarem do processo histórico, manifestando sua visão de mundo em uma sociedade tradicionalmente androcêntrica” (Deplagne, 2012, p. 294). De obras como as de Compiuta, as das trobairitz e as das poetisas al-andaluzas, surgem vozes femininas transgressoras que utilizam as produções poéticas como meio de denunciar os abusos impostos a suas liberdades e aos seus corpos (Deplagne, 2019b, p. 33).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por muito tempo o protagonismo feminino na literatura medieval foi deixado às margens dos estudos sobre o período medieval. A principal razão para tal acontecimento foi o uso de fontes históricas e literárias produzidas por homens, o que acabou contribuindo para a criação de um imaginário de um Medievo masculino, uma vez que o discurso dominante sobre as mulheres medievais, caracterizado pelos ideais de inferioridade e submissão, foi construído e reproduzido através pensadores que criaram e difundiram uma representação sobre as mulheres medievais.

Esse cenário só começou a se transformar com os avanços dos estudos de gênero, da crítica feminista e da História das Mulheres que abriram caminhos para o resgate de obras medievais de autoria feminina, tais como o os sonetos de Compiuta Donzella. O resgate dessas e de outras obras possibilitaram a ampliação dos estudos medievais voltados para as figuras femininas de tal período, visto que através dos escritos dedicados por essas mulheres se tornou possível entender a representação que elas tinham de si mesmas.

.

Na análise da figura de Compiuta Donzella foi percebido que o debate histórico e literário foi dividido em dois campos, um composto por aqueles que defendiam sua identidade como mulher, e o outro composto por aqueles que negavam essa identidade. Ademais, a enigmática figura de Compiuta Donzella também despertou o interesse de poetas medievais contemporâneos a ela.

Neste artigo, ficou claro que todo este debate em torno da existência ou não-existência de Compiuta enquanto personagem feminino e escritora/autora dos sonetos – com discussões à respeito do seu nome, da qualidade dos seus textos e com menções em textos contemporâneos à sua figura –, não apaga a relevância do seus textos e nem a voz lírica feminina dentro dele. Seus escritos demonstram uma conexão com a realidade social feminina de Florença no século XIII, trazem denúncias aos hábitos patriarcais do referido período e expressam as frustrações sobre a falta de controle que as figuras femininas tinham sobre suas próprias vidas. Os versos entoam aspirações, emoções e sentimentos de uma voz feminina que parece representar a experiência vivida por muitas mulheres no período medieval.

Ademais, o potencial da figura feminina de Compiuta Donzella no meio literário da sua época fica expresso pelo fato de ela ter seus sonetos localizados em um dos principais códigos literários do período (VAT LAT 3793), pelo claro domínio das técnicas literárias do período e pelas conexões técnicas e temáticas com a tradição poética das trobairitz e das andaluzas.

Por fim, destacamos os estudos sobre Compiuta Donzella no cenário acadêmico brasileiro, identificando publicações extremamente relevantes nas áreas de literatura e tradução. Todavia, não podemos deixar de mencionar a ausência de estudos acadêmicos brasileiros que se voltem para a perspectiva histórica de Compiuta. Nesse sentido, ficou entendido que os escritos de Compiuta Donzella servem como fonte para elaboração de material crítico a respeito do lugar social que a figura feminina ocupava no período medieval, e que podem contribuir com futuras pesquisas, uma vez que através deles reafirmamos a importância dos escritos das mulheres para ampliar os estudos sobre uma História Medieval voltada para as figuras femininas tendo em vista que apresentam novas narrativas em torno das representações femininas medievais, rompendo com os estereótipos tradicionais que formaram a ideia

generalizada de um Medievo voltado para o contexto masculino.

REFERÊNCIAS

Fontes

ANÔNIMO. **Canzoniere della lirica italiana delle origini** ("De varie romanze volgare"). Séc. XIII. Manuscrito. Città del Vaticano, Biblioteca Apostolica Vaticana, sigla: Vat. lat. 3793.

Bibliografia

ALFIE, Fabian. La Compiuta Donzella of Florence (ca. 1260): The Complete Poetry. In: **Medieval Feminist Forum:** A Journal of Gender and Sexuality. Society for Medieval Feminist Scholarship, 2019. p. 1-42.

ASOR ROSA, Alberto. **Storia europea della letteratura italiana**. Vol. 1: Le origini e il Rinascimento. Torino: Einaudi, 2009. 681 p.

AURELL, Jaume y BURKE, Peter. Las tendencias recientes: del giro lingüístico a las historias alternativas. In: **Comprender el pasado**. Una historia de la escritura y del pensamiento histórico (Aurell, Jaume; Balmaceda, Catalina; Burke, Peter; Soza, Felipe). Madrid: Ediciones Akal, 2013, p. 287-340.

BARROS, Andrea de Marco Leite. **O espaço urbano na Toscana durante os séculos XIII e XIV**. 2002. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

BOWE, David. Versions of a Feminine Voice: The Compiuta Donzella di Firenze. **Italian Studies**, v. 73, n. 1, p. 1-34, 2018.

CERRATO, Daniele. Nuove ipotesi su Compiuta Donzella. **Estudios Románicos**, Sevilla, v. 23, p. 105-116, 2014.

CERRATO, Daniele. Poesía femenina italiana de los siglos XIII y XIV entre silencio, lamento y rebeldía. In: SOLER, Elena Losada; FERNÁNDEZ, Helena González; GONZÁLEZ, Alicia Ramos (orgs.) **Lo que callan los corpus, lo que afirman los cuerpos**. Sevilla: ArCiBel, 2013. p. 13-30.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, v. 1, 1990.

CHERCHI, Paolo. The Troubled Existence of Three Women Poets. In: PADEN, William (ed.). **The Voice of the Trobairitz**: Perspectives on the Women Troubadours. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1989. p. 197-209.

CHEROBIN, Nicoletta; GUERINI, Andréia. Compiuta Donzella: entre ficção e realidade. In: CHIARINI, Ana Maria; GUERINI, Andréia; SIMONI, Karine (org.). **Raízes feministas em tradução: italiano.** 1. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2022. p. 53-65.

DEPLAGNE, Luciana Calado. A contribuição dos escritos de mulheres medievais para um pensamento decolonial sobre idade média. **Revista Signum**, v.20, n.2, p.24-56, 2019a.

DEPLAGNE, Luciana Calado. Gênero em desafio: das trobairitz provençais às repentistas nordestinas. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília**, n.35, p.193-205, jan./jun. 2010.

DEPLAGNE, Luciana Calado. Palavras em ato: A Literatura de autoria feminina na Idade Média. In: **17º Encontro Nacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero.** 2012. p. 287-298.

DEPLAGNE, Luciana Calado. Primaveras Medievais. Sobre Resistência e transgressão nas cantigas de trovadoras. In: GOMES, Carlos Magno; RAMALHO, Christina Bielinski; CARDOSO, Ana Maria Leal (orgs.). **Escritas de Resistência**: Intersecções Feminista da Literatura Vol 2. Aracaju: Criação Editora, 2019b.

DOMÍNGUEZ FERRO, Ana Maria. La Compiuta Donzella: una voz femenina en el Trecento italiano. **Revista Internacional de Culturas y Literaturas**, 12, p. 107-114., 2012.

DUBY, Georges. **Idade Média, Idade dos Homens**: do amor a outros ensaios. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

FRUGONI, Chiara. La mujer en las imágenes, la mujer imaginada. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (org.). **Historia de las mujeres en Occidente**. Taurus, 1991. p. 417-463.

FREITAS, Ernani Cesar de; PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico** (recurso eletrônico): métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Segunda edição. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

KLAPISCH-ZUBER, Christiane. Introdução. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. (orgs.). **História das Mulheres.** A Idade Média. Porto: Edições Afrontamento, 1992, p. 9-23.

KLAPISCH-ZUBER, Christiane. Masculino/feminino. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (eds.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Vol. II. São Paulo: EDUSC, 2002. p. 137-150.

LUNZ, Leandro da Silva. Mulher e História: Da invisibilidade à sujeito de análise. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, [S. l.], v. 12, n. 23, p. 68–83, 2018.

DOI: 10.30612/rehr.v12i23.7829. Disponível em: https://ojs.ufgd.edu.br/historiaemreflexao/article/view/7829. Acesso em: 18 fev. 2026.

MIATELLO, André. As muitas faces da cidade medieval e a participação política nas comunas. In: VIANNA, Luciano José (org.) **A História Medieval entre a formação de professores e o ensino na Educação Básica no século XXI**: experiências nacionais e internacionais. Rio de Janeiro, RJ: Autografia, 2021. p. 211-232.

NASCIMENTO, Maria Filomena Dias. Ser mulher na Idade Média. **Textos de História**. **Revista do Programa de Pós-Graduação da UNB**. v. 5, n. 1, p. 82-91, 1997.

PRICE, Paola Malpezzi. Uncovering Women's Writings: Two Early Italian Women Poets. **Quidditas**, v. 9, n. 1, p. 2, 1988.

SÁNCHEZ, Antonia Viñez; DURÁN, Juan Sáez. Los precedentes de la Querelle des Femmes en la poesía romántica medieval: las trobairitz. In: CERRATO, Daniele; SCHEMBARI, Andrea; GARCÍA, Sara Velázquez. (orgs.). **Querelle des Femmes**: male and female voices in Italy and Europe. Polônia: Volumina. pl Daniel Krzanowski, 2018.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter. (org.) **A escrita da história**. Novas perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p. 63-95.

SILVA, André Candido da; MEDEIROS, Márcia Maria de. Sexualidade e a história da mulher na Idade Média: a representação do corpo feminino no período medieval nos séculos X a XII. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, [S. l.], v. 7, n. 14, 2014. Disponível em: https://ojs.ufgd.edu.br/historiaemreflexao/article/view/2946. Acesso em: 18 fev. 2026.

SIMONI, Karine. Da impossibilidade do amor à possibilidade da poesia: notas para uma tradução de Compiuta Donzela ao português. In: BROCHADO, Cláudia Costa; DEPLAGNE, Luciana Calado. **Vozes de mulheres da Idade Média**. João Pessoa: Editora UFPB, 2018. p.199-212.

STEINBERG, Justin. La Compiuta Donzella e la voce femmenile nel manoscritto Vat. Lat. 3793. **Giornale Storico della letteratura italiana**, v. 183, n. 601, p. 1-31, 2006.

VAUCHEZ, André. **A espiritualidade na Idade Média ocidental**: (séculos VIII a XIII). Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

Recebido em 24/02/2026.

Aprovado para publicação em 17/10/2026.